

ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2017 – Estado da Questão



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, Andrea Martins
Design gráfico: Flatland Design

Produção: Greca – Artes Gráficas, Lda.
Tiragem: 500 exemplares
Depósito Legal: 433460/17
ISBN: 978-972-9451-71-3

Associação dos Arqueólogos Portugueses
Lisboa, 2017

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:

Levantamento topográfico de Vila Nova de São Pedro (J. M. Arnaud e J. L. Gonçalves, 1990). O desenho foi retirado do artigo 48 (p. 591).

Patrocinador oficial



O COMÉRCIO MEDIEVAL DE CERÂMICAS IMPORTADAS EM LISBOA: O CASO DA RUA DAS PEDRAS NEGRAS N.ºS 21-28

Filipe Oliveira¹, Rodrigo Banha da Silva², André Bargão³, Sara Ferreira⁴

RESUMO

Uma extensa escavação decorreu entre 1991 e 1998 em três edifícios contíguos na Rua das Pedras Negras, em Lisboa, cujos dados permanecem no essencial inéditos. Tendo o tema sido antes aflorado em data recente (Silva *et al.*, no prelo), os autores publicam e descrevem o conjunto ali colectado das cerâmicas medievais importadas entre os finais do século XIII e o século XIV, que incluem produções valencianas, sevilhanas, granadinas, de Saintonge (polícroma, lisa e “mosqueada”), Norte da França, flamengas (Bruges e Antuérpia?), inglesas (Londres) e, eventualmente, dos Países Baixos. O seu conjunto a amostragem mostra um predomínio marcado das elaborações oleiras comerciadas a partir dos portos de Bordéus e La Rochele sobre todas as restantes origens, sendo sintomático quer da capacidade aquisitiva dos lisboetas atingida entre os reinados de D. Afonso III e D. Pedro I, como do papel preponderante desempenhado pela cidade de Lisboa no quadro das teias de relações comerciais marítimas então estabelecidas por Portugal com o norte atlântico europeu.

Palavras-chave: Idade Média, Lisboa, Cerâmica medieval, Comércio medieval, Sécs. XIII-XIV.

ABSTRACT

An extensive archaeological excavation occurred between 1991 and 1998 in Rua das Pedras Negras, Lisbon, but data remains mainly unpublished. The authors publish and describe the assemblage of medieval imported pottery dating from late 13th to 14th centuries, turning back to the theme already previously treated (Silva *et al.*, forthcoming). Productions include fabrics originated in Valencia, Seville and Granada, Saintonge («polychrome», «highly decorated», plain and «mottled»), North French («highly decorated»), Flemish (from Bruges and perhaps Antwerp), English (London) and, eventually, the Low Countries. The overall assemblage demonstrates that ceramic productions exported through Bordeaux and La Rochelle harbours are predominant over the remaining, and quantity and diversity are symptomatic of high acquisition capacity verified by Lisboners between the reigns of Afonso III and Pedro I, as well as of the chief role played by Lisbon in the network of commercial maritime relations then established between Portugal and the north Atlantic European façade.

Keywords: Middle Ages, Lisbon, Medieval Pottery, Medieval Commerce, 13th-14th centuries.

1. INTRODUÇÃO

No interior de três edifícios contíguos pertencentes ao Estado Português decorreu, entre 1991 e 1998, uma intervenção arqueológica conduzida em continuidade por uma equipa da Câmara Municipal de Lisboa, dirigida por António Dias Diogo. O espaço

estava localizado em plena Colina do Castelo, no exterior da «Cerca Moura», e ali se documentou uma parcela ampla do urbanismo medievo e moderno da capital, depois obliterado pelo plano “pombalino” de reconstrução da cidade que se seguiu a 1755. Do conjunto das realidades identificadas sobreviveram no local somente os restos monumentais das

1. CHAM – FCSH – UNL; UAç; ERA – Arqueologia; filipe.alexandre.so@gmail.com

2. CHAM – FCSH – UNL; UAç; CAL – DPC – CML; rodrigo.banha@cm-lisboa.pt

3. CHAM – FCSH – UNL; UAç; andrebargao@gmail.com

4. CHAM – FCSH – UNL; UAç; sara.isabel91@hotmail.com

«Termas dos Cássios» e de uma ocupação da Antiguidade Tardia que as reutilizou, ruínas que há duas décadas aguardam, de forma estóica, uma solução de integração urbanística. Porque os registos da escavação permanecem inacessíveis, dado estarem ainda na posse do responsável, o rico acervo de dados mantém-se no essencial inédito e por explorar, a despeito da sua manifesta importância.

Neste sentido, o objectivo dos autores com o presente trabalho é o de acrescentar ao escasso conhecimento público sobre a arqueologia da Rua das Pedras Negras n.ºs 22-28 um conjunto de cerâmicas importadas de origem europeia, datado dos finais do século XIII ao séc. XIV (Figura 1).

2. UM BREVE APONTAMENTO SOBRE O ESTUDO EM PORTUGAL DAS CERÂMICAS MEDIEVAIS IMPORTADAS DA EUROPA NOS SÉCULOS XIII-XIV

Os estudos em Portugal acerca de cerâmicas medievais importadas da Europa têm-se centrado sobretudo nos diversos fabricos originários das zonas meridionais hispânicas, nomeadamente das zonas valenciana, granadina e sevillhana, sendo secundarizados os das restantes origens, porventura pela sua mais difícil identificação.

Fugindo a este panorama, a primeira publicação portuguesa que abordou de forma sistemática a caracterização dos fabricos das cerâmicas medievais importadas nos séculos XIII-XIV deveu-se à equipa que operou na Casa do Infante, na cidade do Porto, a propósito de um diversificado conjunto recolhido em níveis atribuídos à primeira metade do séc. XIV. Por esta via, a equipa portuense aflorou a presença em contextos portugueses de importações oriundas de paragens mais setentrionais, tendo conseguido somente assignar com segurança o grupo «Saintonge policromo» à origem respectiva, e destrinchado quatro outros grupos que supôs de origem francesa (Real *et al.*, 1995: 177-178), o que parece ajustado à luz dos conhecimentos actuais, mas apenas em parte.

Para o caso lisboeta, deveu-se a Alexandra Gaspar a primeira publicação onde se deu a conhecer a presença na capital portuguesa de cerâmica deste tipo, no caso um pichel oriundo de Saintonge (Gaspar e Amaro, 1997). Somente em 2008, António Marques, associado a outros colaboradores, acrescentaram ao limitado conhecimento disponível o conjunto também variado recolhido nas escavações mais re-

centes do Teatro Romano (Fernandes *et al.*, 2008). Em 2013, dois dos autores (RBS e FO) apresentaram uma comunicação oral sobre o tema à reunião anual do *Medieval Pottery Research Group*, numa primeira tentativa de inventariação das ocorrências em Lisboa, que desgraçadamente teve de permanecer inédita. A matéria iria ser retomada de novo pelo grupo de autores do presente trabalho, a propósito de quatro contextos específicos (Praça da Figueira, Praça do Município, Rua das Pedras Negras e Rua dos Correeiros-Sond.24: Silva *et al.*, no prelo), mas também por António Marques, que deu a conhecer exemplares seleccionados oriundos da Praça da Figueira, Rua do Ouro e Rua das Pedras Negras (Marques, 2015: 178-180).

Não é demais enfatizar a importância que assumem os tipos cerâmicos importados da Europa extra-peninsular no último quarto do século XIII e no século XIV, por constituírem um muito valioso instrumento para precisar as cronologias dos contextos arqueológicos respectivos dentro da Baixa Idade Média.

Noutro sentido, o surgimento destas produções nos contextos portugueses encerra explicações de relativa simplicidade. Elas prendem-se com a dinâmica no âmbito comercial verificada no aro atlântico europeu neste período da Idade Média e, para o caso português, com a teia de relações especialmente activas entre os reinados de D. Afonso III e D. Pedro I, bem como com a assunção nesta época de uma clara proeminência portuária e comercial por Lisboa à escala do reino, e no quadro deste mesmo comércio. Ao assunto voltaremos mais detalhadamente, um pouco adiante.

Todavia, o dado arqueológico não cumpre apenas o papel de ilustrar um panorama económico histórico global de há muito traçado para Lisboa a partir das fontes manuscritas (Pradalié, 1975; Marques, 1987; ...), mas deverá procurar aferir os significados antropológico e social das ocorrências dos produtos oleiros nos contextos específicos onde surgem (Jervis, 2017), bem como executar o balanço diacrónico e de origem das várias produções para, a partir daí, extrair leituras próprias no âmbito da história económica medieval.

A investigação sobre a temática em Portugal lida, todavia, com limitações gerais a um tempo severas e, no imediato, inultrapassáveis: se o quadro das leituras está bem estabelecido para certas regiões europeias mais setentrionais, com destaque para

os panoramas das produções inglesas (Pearce *et al*, 1985), ou do consumo em diversas partes do Reino Unido (Haggarty, 2006), os dados disponíveis para o âmbito de produção dos principais centros produtores que abasteceram os espaços hispanos (como os restantes europeus) são-nos tanto mal conhecidos, como insuficientemente caracterizados. Encontram-se nestas circunstâncias os casos da região de Saintes, do Norte de França e da Flandres, aguardando-se portanto, e com a necessária avidez, que a investigação francesa e belga faculte à restante comunidade estes dados essenciais.

3. OS FABRICOS CERÂMICOS IDENTIFICADOS NA RUA DAS PEDRAS NEGRAS

As cerâmicas recolhidas na Rua das Pedras Negras n.ºs 22-28 / Travessa do Almada / Rua de São Mamede ao Caldas n.º 23 objecto do presente estudo mostram uma diversidade de fabricos (pastas, vidrados, decorações, ...) que denunciam origens múltiplas. Destas, foi possível atribuir com segurança uma boa parte a produções meridionais hispânicas (granadinas e valencianas), flamengas (de Bruges e Antuérpia ?), da região de Saintes (Saintonge), do Norte da França (Rouen), Inglaterra (Londres) e assinalar a eventual ocorrência de produtos oleiros com origem nos Países Baixos (vd. Figura 6).

Na organização dos diferentes grupos seguimos as linhas definidas e a nomenclatura de Haggarty para os fabricos oriundos de França, a que acrescentámos os fabricos flamengos, inglês e os definidos pela investigação hispânica para os fabricos ibéricos (Hita Ruiz, 2013) (Figura 2).

Há que referir que do estudo foi excluída uma parede de talha vidrada a chumbo com decoração estampilhada islâmica, Almóada, bem como um fragmento de gargalo, parte superior da parede e arranque de asa em produção de pó de pedra, oriunda do espaço germânico do Vale do Reno (Sieburg? Raeren? Colónia? ...): ao passo que o primeiro elemento se apresenta com as fracturas muito roladas, indiciando tratar-se de elemento mais antigo mobilizado pelas formações com datas que aqui interessam, o segundo não se inscreve nas características morfológicas em voga no mesmo lapso temporal, e provém de uma outra zona da escavação que proporcionou a recolha de cerâmicas dos séculos XIII-XIV, mas pode equivaler quer a acções de remobilização ulte-

rior quer a uma “contaminação” ocorrida durante o processo de escavação (Figura 3).

Grupo 1 – Produções granadinas de reflexo dourado
A produção granadina de reflexo metálico ostenta uma pasta avermelhada, medianamente granulosa, de fractura tendencialmente irregular, compacta, mostrando muitos vacúolos e menos frequentemente, vácuos arredondados, contendo elementos quartzosos muito bem distribuídos, raras palhetas negras e elementos ferro-magnesianos de média dimensão, ocasionalmente grandes.

O vidrado apresenta-se no exterior côr azul turquesa, recobrimdo a totalidade da peça, sobre a qual se executou uma composição decorativa obtida por traço acastanhado de faixas preenchidas com motivos geométricos e o que aparentam ser reservas (somente se conserva, e mal, a parte superior de um vaso fechado). A superfície interna apresenta-se igualmente vidrada, com coloração branco amarelada clara, de estanho.

Provenientes das oficinas nazaris de Granada e Málaga estes fabricos tiveram o seu apogeu nos séculos XIII e XIV com grande projecção nos contextos norte-africanos, embora ainda circulassem nas primeiras décadas do séc.XV como é comprovado pelos sua presença nos contextos de destruição de Ceuta em 1415 pelos portugueses (Villada Paredes, 2015, 174-176).

Grupo 2 – Produções valencianas de «verde e negro»
As produções valencianas de «verde e negro» (ou «verde e manganês», como surgem também referidas na investigação portuguesa) foram elaboradas na sequência de uma longa tradição que remonta ao período califal do al-Andaluz, difundido-se por centros oleiros peninsulares ao longo dos séculos subsequentes.

Na área do Reino de Valência, conquistado pelos cristãos em finais do século XIII e incorporada no Reino de Aragão, teve lugar importante produção deste grupo por oleiros muçulmanos, conhecendo-se para já, e em exclusivo, o comprovativo arqueológico de olarias em Paterna (Mesquida García, 2002), nos arredores de Valência.

Corroborando a atribuição feita a Paterna, a pasta presente em dois exemplares de formas abertas identificados na Rua das Pedras Negras apresenta-se bícroma, com o cerne alaranjado e as superfícies amareladas, granulosa, de fractura de tendência irregular,

compacta, contendo muitos grãos de cerâmica moída, pequenos quartzos hialinos e leitosos de pequena e média dimensão, raros fragmentos de tendência arredondada de rocha sedimentar (micro fósseis incluídos) como de elementos ferromagnesianos angulosos, bem distribuídos, e ainda muitos vacúolos. O vidrado é branco de estanho, medianamente brilhante, espesso, com pequenos vácuos e raras fendas visíveis a olho nu, com pintura a traço negro, de manganês, e a verde, de cobre, compondo decorações geométricas e fitomórficas nos dois casos repertoriados. O exterior das peças apresenta-se isento de revestimento.

Grupo 3 – Produções sevilhanas de «azul e dourado»

As produções sevilhanas detectadas mostram pastas de coloração amarelada clara, medianamente brandas, granulosas, de fractura irregular, contendo muitas fendas, alvéolos e vacúolos, muitos elementos quartzosos hialinos e leitosos, como ferromagnesianos, todos muito bem distribuídos.

Ambas as superfícies das duas peças identificadas, equivalendo a pequenas porções de formas fechadas, foram recobertas por vidrado branco de estanho, sobre o qual se divisam somente os vestígios dos traços a azul. Num dos casos, que preserva o arranque inferior da asa, a degradação do vidrado admite a existência de decoração dourada que estaria assim hoje desvanecida.

Estes fabricos seguem a mesma tradição cultural observadas nas peça granadinas, apresentando cronologias similares, embora de momento, os seus centros se apresentem parcamente estudados.

Grupo 4A – Saintonge polícromo («Saintonge polychrome»)

A produção de Saintonge caracteriza-se por uma pasta muito calcária ou caulínica de coloração esbranquiçada ocasionalmente a tender para o bege ou para o rosado muito claro, muito dura como compacta e homogénea, muito depurada, apresentando fractura nítida, textura esponjosa e lamelar, com muitos infimos vacúolos e raras fendas. Assinala-se a presença frequente de muito pequenos nódulos férricos, pouco frequentes palhetas sub-angulosas negras também férreas, elementos quartzosos alaranjados arredondados, sendo ocorrentes, mas muito raros, os nódulos de cerâmica moída, com casos que podem atingir 0,8 mm.

A superfície dos recipientes foi cuidadosamente

alisada previamente e recebeu primeiro um engobe branco transparente extremamente fino, homogéneo, aderente e muito brilhante, com a mesma coloração da pasta, que depois “vitrificou”. As decorações polícromas foram executadas sobre o engobe, delimitadas a traço de manganês e depois preenchidas a vidrado verde ou a amarelo.

As decorações compreendem em exclusivo fitomórficos (folhas e caules de videira), aves de perfil (uns e outros preenchidos total e/ou parcialmente a verde, amarelo e traço castanho-negro) e um escudo heráldico (delimitado a castanho-negro preenchido a amarelo ou sem este preenchimento). As gramáticas decorativas incluem também decorações aplicadas antropomórficas de duas caras colocadas em ambos os lados do bordo, alternadamente em relação à posição do bico e ao arranque superior da asa, que são opostos. Como na restante decoração, certos detalhes fisionómicos das caras foram tratados de forma diferencial, nomeadamente os olhos e boca, com a utilização de traço ou ponto a manganês, castanho muito escuro/negro.

O tratamento das superfícies internas varia, assinalando-se na Rua das Pedras Negras quer a ocorrência de revestimento vidrado a verde claro, muito fino e trâns-lucido, quer de recipientes desprovidos de revestimento.

A espessura das paredes é, invariavelmente, fina, em torno dos 2,5 mm.

O repertório formal do grupo é monótono, restringindo-se a pichéis altos e esguios (de que o exemplar do NARC é um excelente exemplo – cf. Gaspar e Amaro, 1997), e jarros com corpo de tendência globular e colo também alto, esta última a única morfologia seguramente representada na Rua das Pedras Negras. Os fabricos de «Saintonge polícromo» parecem corresponder a um segmento temporal muito curto, que George Haggarty restringiu, ainda com cautelas, ao lapso 1275-1325, mas que crê ser mais curto ainda (Haggarty, 2006, 28-29), tendo tido lugar nas imediações da Capela de Notre Dame des Pots, em Saintonge (Saintes). Como Gaimster outrora sugerira, a inspiração estética parece ter que se buscar nas produções italianas designadas por “proto-majólica”, onde os fitomórficos do mesmo tipo são recorrentes, adaptada localmente, como denunciado pelo gosto local pela representação heráldica. A restrição decorativa equivalente à recorrência da ave de perfil, e à uniformidade assinalada no traço do desenho desta, implica um número muito limitado de “pintores”,

eventualmente restrito a uma ou duas gerações de “pintores” (Haggarty, 2006, 56-57 e informação pessoal, a quem se aproveita para agradecer).

Em sentido oposto, deverá atender-se às diferenças assinaláveis na modelação dos elementos antropomórficos aplicados no bordo, onde alguns exemplares denotam uma elevada preocupação na definição dos detalhes, como é o caso do conhecido pichel recolhido em Cardiff, qualidade muito elevada que está claramente ausente na maioria dos exemplares conhecidos, como acontece com o pichel do NARC (Gaspar e Amaro, 1997) e os dois casos assinalados na Rua das Pedras Negras.

Grupo 4B – Saintonge «muito decorado» («Saintonge Highly Decorated»)

As pastas deste grupo são idênticas às do grupo anterior, somente delas se distinguindo por uma sensível e menor depuração das argilas.

O exterior dos recipientes ostenta um revestimento a vidro verde, fino e muito aderente, oscilando heterogeneamente no mesmo vaso entre tonalidades de verde mais claras (Pantone 369U, 271U, ...) e mais escuras (Pantone 343U, 3435U, ...).

Na parede exterior dos exemplares detectados na Rua das Pedras Negras documentou-se a aplicação de decorações de faixas ondeadas obtidas mediante roletilha, estampilhas circulares ornadas internamente com botão central e radiado de 8 raios, filiformes verticais obtidos através de molde, incisões. Conta, também, com um exemplar ostentando uma aplicação plástica no bordo de cara antropomórfica, similar à presente nos exemplares com decoração policroma. A espessura das paredes é modalmente situada nos 4,5 mm, mas pode ser bem mais fina, com um caso de 2,5 mm.

O repertório formal do grupo representado no local lisboeta restringe-se a pichéis altos e esguios.

O grupo terá sido produzido no mesmo local que o «Saintonge policromo», todavia admitindo-se uma cronologia mais extensa, ainda imprecisa, podendo estender-se a todo o século XIV (Haggarty, 2006, 56-57).

Grupo 4C – Saintonge «manchado» («Saintonge Mottled»)

A pasta apresenta-se como a do grupo anterior. O vidro é bitónico, esverdeado escuro e verde muito claro, deixando ver a superfície da pasta, com gamas esverdeadas equivalentes às dos grupos anteriores,

formando uma superfície texturada, com efeito visual tipo manchado, com tonalidades que vão desde o verde esbranquiçado ao verde muito escuro. Por vezes o vidro recobre só parcialmente a parede externa do vaso.

A espessura das paredes varia entre o fino (c. 2,5 mm) e o médio (4,5 mm).

As únicas morfologias seguramente identificadas na Rua das Pedras Negras reportam-se a jarros, num caso de corpo com corpo de tendência bi-troncocónica.

Cronologia similar à do grupo anterior (Haggarty, 2006, 24-25).

Grupo 4D – Saintonge liso, verde brilhante («Saintonge bright green»)

O grupo partilha as características das pastas e vidrados de 4B, documentando-se exemplares dotados de vidro interno e externo e outros apenas recobertos pelo exterior.

O repertório morfológico compreende, para além dos jarros e/ou pichéis, uma pequena copa de pé, dotada de pelo menos uma asa.

Cronologia como a dos anteriores (Haggarty, 2006: 26-27).

Grupo 5 – Tipo Rouen («Rouen Type»)

O grupo é constituído na Rua das Pedras Negras por um único exemplar, que apresenta pasta de coloração branca e tonalidade bege-acinzentada muito clara, compacta, de fractura nítida, textura granulosa, com vacúolos e contendo pequenos elementos arredondados férreos muito bem distribuídos, raras palhetas negras de muito pequena dimensão e muito raras partículas de moscovite de muito pequena dimensão.

Recobrimo a parede exterior, um vidro laranja de tonalidade acastanhada. Sobre este, e de forma alternada, foram aplicados cordões plásticos verticais, depois decorados a roletilha e recobertos a vidro amarelo. Embora ausentes na Rua das Pedras Negras conhece-se um vasto repertório decorativo que inclui diversas aplicações de “botões” plásticos e escamas depois vidradas a amarelo, de que bons exemplos foram já apresentados da Casa do Infante (Porto-Real *et al.*, 1995: 178, fig. 5, n.ºs 1 e 3).

A espessura das paredes situa-se nos 3,0 mm.

Os fabricos da cidade de Rouen conheceram uma muito ampla difusão no séc. XIII e primeira metade do séc. XIV, atingindo os espaços escandinavos do Mar do Norte, como Gales, Inglaterra e Escócia (Ha-

ggarty, 2006, 58-60), situando-se a cidade do Porto como o ponto mais meridional da distribuição até à presente publicação (Real *et al.*, 1995: 179).

Grupo 6 – “Francês muito decorado” («North French Highly Decorated»)

A designação compreende afinal um grupo heterogéneo de produções, elaboradas no Norte da França actual, incluindo portanto aquilo que era à época espaço flamengo, compreendendo Beauvay e Tournai.

As pastas são invariavelmente brancas, como os vidrados predominantemente verdes, de chumbo, ou verde mais claro, quando cobre foi adicionado. As produções de Beauvay, já seiscentistas e posteriores, apresentam variações no vidro, surgindo colorações amareladas em vidrados verdes heterogéneos que variam entre o verde escuro e o claro (Haggarty, 2006, 66-67). Esta característica encontra-se em três picheis altos colectados na Rua das Pedras Negras, qualquer deles ostentando uma decoração a molde de filiformes verticais, podendo ser esta a origem dos vasos. A forma equivale ao repertório habitual desta produção. A estas morfologias fogem uma caçarola com bico/pegadeira vazada e um pequeno fragmento de prato com decoração incisa na face interna, atestados por uma vez no local.

As pastas presentes no local em estudo são de coloração branco-acinzentado claro, granuladas e de fractura irregular, contendo alguns elementos quartzosos, raros elementos micáceos, e ocasionais fragmentos de cerâmica moída, bem distribuídos.

Grupo 7 – Pichéis de Bruges («Bruges Highly Decorated»)

O fabrico de Bruges é muito homogéneo e caracteriza-se por apresentar pastas avermelhadas ou bícromas, i.e., avermelhadas com o cerne cinzento, medianamente homogéneas, compactas, granuladas, de fractura irregular, com muitos vacúolos, com poucos elementos quartzosos e rara moscovite de muito pequena dimensão, com os elementos bem distribuídos.

O vidro é espesso, de coloração verde, normalmente entre o verde-alface e o verde-oliva, quase sempre muito manchado, com laivos e mosqueado de verde escuro alternando com manchas claras. O interior é desprovido de vidro, mostrando uma pasta que por vezes se apresenta com uma patina alternada avermelhada e violácea.

Muito característica dos fabricos flamengos de Bruges é a utilização de um espesso engobe branco recobrimdo a peça pelo exterior, que todavia não está sempre presente de forma uniforme, existindo inclusivé vasos onde este está ausente. A intenção do engobe era a de ocultar a coloração vermelha da pasta, procurando deste modo “imitar” mais proxima-mente os fabricos do tipo “Francês Muito Decorado” (Verhaege, 1987, 207). Contudo, ao contrário dos fabricos franceses, onde a área é sempre de fita, fina ou nervurada, nos fabricos flamengos as asas são invariavelmente de rolo, como os fundos são digitados. As gramáticas decorativas típicas de Bruges compreendem as vieiras, “cachos de uva” e a aplicação de faixas a roletilha cobrindo a totalidade da peça, tendo sido produzidos na cidade da Flandres entre os finais do séc. XIII e a primeira metade do séc. XIV, conforme os dados dos contextos de produção ali exumados e que aguardam publicação para breve (De Groote, informação pessoal, a quem se aproveitou para agradecer).

As produções flamengas de Bruges já haviam sido antes assinaladas na cidade do Porto (Real *et al.*, 1995: 177 e 178, fig. 5, n.ºs 7 e 8), embora não identificadas como tal, parecendo estar muito presentes e bem distribuídas em Lisboa, onde ocorrem no Teatro Romano (Fernandes *et al.*, 2008), Rua dos Bacalhoeiros (Marques, 2015: 179), muito embora as características de fabrico da peça, como o próprio autor salienta, não coincidam aqui na totalidade), Praça do Município, e com forte representação na Praça da Figueira (Silva *et al.*, no prelo).

Grupo 8 – Loiça de Londres («London-Type Ware»)

As pastas das produções londrinas apresentam-se normalmente de coloração na gama do vermelho acastanhado, apresentando-se com alguma frequência exemplares sobrecozidos que por isso assumem uma coloração quase exclusivamente escura, cinzenta (Munsel N 4-8), excepto numa ténue fracção superficial castanho-avermelhada, caso do exemplar identificado em Lisboa. A reforçar esta ilação, o colo apresenta-se visivelmente deformado.

Com textura de grão médio, a pasta é compacta, medianamente homogénea, sendo muito frequentes os vacúolos, e contendo raros elementos quartzosos angulosos e muito raros e ocasional moscovite e feldspato.

Os vidrados são também de coloração variável. No caso presente equivale a um verde azeitona, media-

namente espesso e muito aderente, que recobre apenas parte do vaso, deixando o pé isento. Sobre este vidrado plumbífero, a que terá sido aduzido cobre que lhe confere a côr (Pearce *et al.*, 1985: 4-5), foi aplicada no corpo uma decoração de linhas de pintura branca obtidas com um engobe não muito aderente, compondo uma gramática que não é possível compreender dado o estado fragmentário do objecto.

A parede apresenta uma espessura média de 4,9 mm. A produção londrina do grupo foi executada com muita probabilidade em diversos locais da capital inglesa (Idem), e tem origem em fabricos datados do séc.XII que se arrastarão até aos meados do séc. XIV. Datam dos momentos iniciais as técnicas decorativas, mas depois serão introduzidos os fundos digitados como as bases em trípede ao longo do séc. XIII, altura em que a produção de Londres incorpora gramáticas decorativas francesas, nomeadamente de Rouen e do Norte da França (Idem).

O tipo de vaso globular equivale aos denominados “squat jugs” ou “large squat jugs” (Idem), que aqui designámos por jarro. Dele se conservam 78 distintos fragmentos, alguns com colagens entre si, que por partilharem quer as características de pasta, revestimento e decoração, salientando-se a já aludida sobrecozedura, mas também por provirem no seu conjunto de uma mesma área da escavação, supomos pertencerem a um mesmo indivíduo.

Grupo 9 – Produção não identificada

Em contextos medievais de Inglaterra e Gales, datados dos séculos XIII e XIV, ocorre uma produção que recebeu a designação a epígrafe, que reproduz os modelos em voga nos espaços atlânticos europeus do Mar do Norte, o que pode incluir produções em variados centros oleiros ingleses (Pearce, 1985).

A pasta do exemplar apresenta-se avermelhada, dura, depurada, de fractura nítida, textura de tendência lamelar, contendo fendas, muitos vacúolos de pequena e média dimensão, elementos ferromagnesianos de pequena dimensão, muito rara e pequena mica dourada, bem como alguns restos de rocha sedimentar, todos muito bem distribuídos.

Cobre o exterior do pichel um vidrado verde, que recobre a decoração de quatro traços incisos praticados na pasta formando setas na parte superior, uma faixa em zig-zag entre dois ressaltos e um ondulado abaixo do ressalto inferior. A parede interna apresenta-se isenta de revestimento. Gramática decorativa análoga encontra-se quer em produções fla-

mengas como britânicas, mas geralmente a execução é de outra forma obtida. Similarmente ao exemplar em causa, alguns pichéis e jarros das produções londrina e do «tipo Scarborough» mostram decorações incisivas, mas as pastas não coincidem de todo.

Deste modo, terá que se admitir uma origem indeterminada, que pode incluir a Inglaterra (que não Londres), a Flandres (que não Bruges) e os Países Baixos. A parede ostenta uma espessura média de 4,5 mm (Figura 4 e Figura 5).

3. O CONJUNTO DA RUA DAS PEDRAS NEGRAS E O SEU SIGNIFICADO NO QUADRO DO COMÉRCIO DE FINAIS DO SÉC.XIII E DA PRIMEIRA METADE DO SÉC.XIV

A escavação de 1991 a 1998 na Rua das Pedras Negras permitiu a recolha de aproximadamente duas centenas de fragmentos de cerâmicas europeias importadas entre os finais do séc.XIII e o séc.XIV, tendo sido possível identificar com segurança pelo menos nove centros produtores distintos, onde as elaborações oleiras do arco atlântico europeu dominam claramente. Trata-se, portanto, da composição de um mosaico de origens que documenta arqueologicamente as relações comerciais activas entre finais do século XIII e meados do séc.XIV, sintomática da dimensão atingida então por Lisboa no quadro do comércio atlântico.

O conjunto cerâmico constitui, todavia, uma representação bem menor do que o seu número “em bruto” sugere: aplicando uma metodologia de contagem de número mínimo de indivíduos (NMI – Tuffreau-Livre), o número total contrai-se para uns bem mais modestos 33 exemplares (vide Tabela 1, *infra*).

As produções hispanas estão representadas por somente cinco indivíduos: um jarro granadino, um prato e uma taça de Paterna e dois jarros sevillanos. Contudo, quer o exemplar naziri quer os sevillanos podem ultrapassar o lapso temporal predominante, ultrapassando a primeira metade do séc.XIV, podendo até atingir os inícios do séc. XV. Neste sentido, o contingente peninsular é francamente discreto face à representação europeia atlântica, o que não deixará de traduzir o privilégio conferido entre finais do séc.XIII até meados do séc.XIV a esta última macro-região, traduzindo de um outro modo o panorama já observado na cidade do Porto por via documental manuscrita, e corroborada pelo dado arqueológico da Casa do Infante, onde as conexões

mediterrânicas surgem apenas na centúria de quatrocentos (Real *et al.*, 1995).

Deverá notar-se o claro predomínio das elaborações oleiras de Saintonge e do Norte de França/Flandres. De facto, as redes de comércio activas no reinado de D. Dinis, e um pouco antes e pouco após, ligam Portugal em especial à Inglaterra e à Flandres e, em menor escala, aos portos da Normandia, a Bordéus e La Rochele. Como afirmou Oliveira Marques, é neste período que se iniciou o processo, que iria desenvolvendo até às primeiras décadas do XVI, que forjou a ampla e extensa teia de portos marítimos do Reino conectados com Lisboa, abrangendo o Minho (Valença, Fão, Viana e Caminha), Douro (Porto e Vila do Conde), a região de Aveiro, foz do Mondego (Buarcos), a costa do Oeste (Leiria, Salir, Atouguia, Lourinhã, Torres Vedras), o “Além Tejo” (Setúbal e Odemira), como o Algarve no seu todo (Marques, 1987: 130). No sentido da mais curta distância, o Tejo surge-nos na documentação medieval como um “mar”, nomeadamente no *Foral da Portagem*, de 1399 (cit. Idem), e serviam a cidade os portos de Cascais, Almada, Vale de Zebro, Coima, Montijo, Frielas, Povos, Vila Franca, Azambuja, Santarém, Punhete e Tomar (Idem: 150) (Figura 6).

O Tejo, e o Oceano, proporcionavam abundante sal, pescado e marisco. O sal é sobejamente estudado como elemento vital para a exportação portuguesa, essencial para o Mar do Norte, desde os estudos de Virgínia Rau (1984). Já o peixe e o marisco, suficientes para as necessidades da população residente, são repetidas vezes exaltados nas descrições dos visitantes estrangeiros, alcançando o peixe importante exportação a partir do séc. XIII, pelo menos (Pradalié, 1975): destaca-se, de entre o variado pescado, a sardinha fumada. Os destinos principais do comércio desta última com o exterior foram o Sul de Espanha e o Norte da Europa, e a ela se referem, por exemplo, o já citado “*Foral da Portagem*”, que menciona a este propósito os mercadores catalães que daqui transportavam a sardinha para Aragão e Sevilha, e o valerem “*muito mais as sardinhas de fumo que as de pilha*” (Marques, 1987: p.169).

Carente em cereal, azeite e carne, Lisboa importa do hinterland próximo, de outras regiões portuguesas menos próximas e inclusivé da Europa. Já o vinho, abundante e de qualidade díspar, era largamente produzido. Parte era destinada ao comércio externo europeu, tendo como destino as Ilhas Britânicas, a Flandres e Alemanha. Em contrapartida do Atlânti-

co provinha também algum vinho francês.

O quadro geral das importações de fora do reino era todavia dominado pelos têxteis, quer de alta, quer de baixa qualidade, parece que seguidos dos metais (cobre, ferro, aço, estanho, . . .), para além dos produtos alimentares mencionados acima (Marques, 1987: 164). Constan da documentação desde o séc. XIII (Pradalié, 1975) e embora os elementos quantificáveis sejam escassos, aqueles disponíveis apontam para que na primeira metade do séc. XV um volume de cerca de 80% dos panos, provavelmente de maior qualidade, fosse oriundo da Flandres e das Ilhas Britânicas, cujas cotas flutuariam conjuntamente a favor de um ou de outro grupo fornecedor. Abaixo dos 10% situam-se os panos da Normandia, Bretanha, Castela e Aragão (Marques, 1987: 162-163).

O cobre europeu ocupou aliás lugar de destaque, sendo importantes os objectos em cobre e latão destinados ao consumo, e o lingote para transformação. Cabe aqui mencionar-se como de alto significado o cobre dirigido para a amoedação, que conhece a partir de meados do séc. XIII uma actividade sem precedentes resultante do processo de extensa monetização da economia, que o dado arqueológico bem corrobora, e que a criação de uma Casa da Moeda à Cruz dá testemunho.

A actividade marítima e portuária terá, portanto, proporcionado a oportunidade da importação dos vasos cerâmicos de maior qualidade rastreados nos contextos da cidade de Lisboa, mais que provavelmente incluídos como carga secundária nos fretes, funcionando por consequência como elemento subsidiário das importações.

Ora, este mesmo intenso movimento comercial teve igualmente expressão urbana na cidade: relembre-se a criação das Terceiras com D. Afonso III, das da Oura por D. Dinis (na zona da Praça do Município actual), ou o evidente crescimento da ocupação da parte extra-muros equivalente à Baixa, de que a Rua Nova é exemplo, em interacção permanente com o rio, e onde se fixava o comércio e as residências de mercadores.

A expressão maior do surto urbanístico será, todavia, a decisão por D. Dinis em 1294 de proteger o interface ribeirinho, em concertação política com a cidade, levando à construção da “muralla dionisina” ou da Ribeira. Como nota de rodapé sobre esta última matéria, dever-se-á notar que a magnitude desta obra presumivelmente se deverá ter arrastado um pouco no tempo: será ainda a ela que alude um do-

cumento de D. Pedro I, datado de 1361, relativo aos *agrauos de lisboa corregidos por el rey em cortes act* quando menciona explicitamente as dificuldades do concelho junto dos proprietários que nos arredores detêm pedreiras “*que som comprejedoras pera o muro que ora se faz na dicta cidade*”? Ou a que muralha da cidade se refere então o documento? (*Chancelaria de D. Pedro I*, fl.62 v.º – Marques, 1984: 255).

As fontes manuscritas reportam, de igual modo, a residência em Lisboa de mercadores oriundos da Flandres, designadamente de Bruges e Antuérpia, ingleses, franceses, germânicos, aragoneses e catalães (Pradalié, 1975; Marques, 1987).

De um ponto de vista arqueológico, serão estes os mais que prováveis agentes responsáveis pela introdução no quotidiano lisboeta dos recipientes europeus como da forma de consumo vínic que lhes estava associada, rastreáveis na Rua das Pedras Negras através dos pichéis e jarros franceses, flamengos e de um outro londrino. Será este cosmopolitismo medievo responsável também pela fraca expressão dos produtos oleiros de qualidade sud-hispânicos, que perdem neste período a primazia outrora detida, produtos oleiros que decerto encerravam maior continuidade e longevidade de importação. Entre finais do séc. XIII e a primeira metade do séc. XIV, portanto, a capital portuguesa procura alinhar o seu gosto com os padrões europeus mais setentrionais.

BIBLIOGRAFIA

FERNANDES, Lúcia, MARQUES, António, TORRES, Andreia (2008) – “Ocupação Baixo Medieval do Teatro Romano de Lisboa: a propósito de uma estrutura hidráulica, as cerâmicas vidradas e esmaltadas”. *Arqueologia Medieval*, 1º. Porto: Afrontamento e Campo Arqueológico de Mértola, pp. 159-183.

GASPAR, Alexandra., AMARO, Clementino (1997) – “Cerâmicas dos séculos XIII a XV de Lisboa”. *La Céramique Médiévale en Méditerranée, Actes du VI Congrès de l’AIECM Aix-en-Provence 13-18 novembre 1995*. Aix-en-Provence: Éditions Narrations, pp. 337-345.

HAGGARTY, George (2006) – *A gazetteer and summary of French pottery imported into Scotland c. 1150 to c. 1650 a ceramic contribution to Scotland’s economic history Ceramic Resource Disc 3*, Tayside and Fife Archaeological Society.

HITA RUIZ, José Manuel, VILLADA PAREDES, Fernando (2013) – “Entre el Islam y la Cristandad: cerâmicas del siglo XIV en Ceuta. Avance Preliminar”: in ÁLVAREZ, José Javier (Ed.) *Cerâmicas islâmicas y cristianas a finales de la Edad Média; Influencias y intercâmbios*. Ceuta: Museo de Ceuta, pp. 367-405.

JERVIS, Ben (2014) – “Ceramics and Coastal Communities in Medieval (Twelfth – Fourteenth Century) – Europe: Negotiating Identity in England’s Channel Ports”. *European Journal of Archaeology*, n.º 20 (1) 2017, pp. 148-167.

MARQUES, António (2015) – “Jarro decorado; Jarro decorado; Pichel decorado com vieiras e “cachos”, in TEIXEIRA, André., VILLADA PAREDES, Fernando. SILVA, Rodrigo Banha (Eds.) (2015) – *Lisboa 1415 Ceuta. História de dos ciudades-História de duas cidades*. Ceuta: Ciudad Autónoma de Ceuta, Câmara Municipal de Lisboa, FCSH, pp. 178-180.

MARQUES, António Henrique de Oliveira (1987) – *Portugal na Crise dos séculos XIV e XV*, in SERRÃO, Joel e MARQUES, António Henrique de Oliveira (Dir.), *Nova História de Portugal*, vol. IV. Lisboa: Editorial Presença.

MARQUES, António Henrique de Oliveira (Ed.) (1984) – *Chancelaria de D. Pedro I (1357-1367)*. Lisboa: Centro de Estudos Históricos, Instituto Nacional de Investigação Científica.

MESQUIDA GARCÍA, Mercedes (2002) – *La cerâmica de Paterna: reflejos del Mediterráneo*, Valência: Generalitat Valenciana.

PEARCE, Jaqueline, VINCE, Alan, JENNER, Anne (1985) – *A Dated type-series of London medieval pottery, Part 2, London-type ware*. London: London and Middlesex Archaeological Society (Special paper, n.º 6).

PRADALIÉ, Gérard (1975) – *Lisboa. Da Reconquista ao fim do século XIII*. Lisboa: Palas Editores.

REAL, Manuel Luís, GOMES, Paulo Dórdio, TEIXEIRA, Ricardo, e MELO, Rosário Figueiredo (1995) – “Conjuntos cerâmicos da intervenção arqueológica na Casa do infante – Porto: elementos para uma sequência longa – séculos IV-XIX”: In *Actas das I Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval – métodos e resultados para o seu estudo (Tondela, 28 a 31 de Outubro de 1992)*. Porto: Câmara Municipal de Tondela, pp. 171-186.

VERHAGEN, Frans (1987) – “La céramique en Flandre (XII^e-XV^e siècle): quelques aspects de l’évolution et de la concurrence”, in *La céramique (V^e-XIX^e s.). Fabrication – Commercialisation – Utilisation. Actes du premier congrès international d’archéologie médiévale (Paris, 4-6 octobre 1985)*, Caen: Société d’Archéologie Médiévale, 1987. pp. 203-225. (Actes des congrès de la Société d’archéologie médiévale, 1).

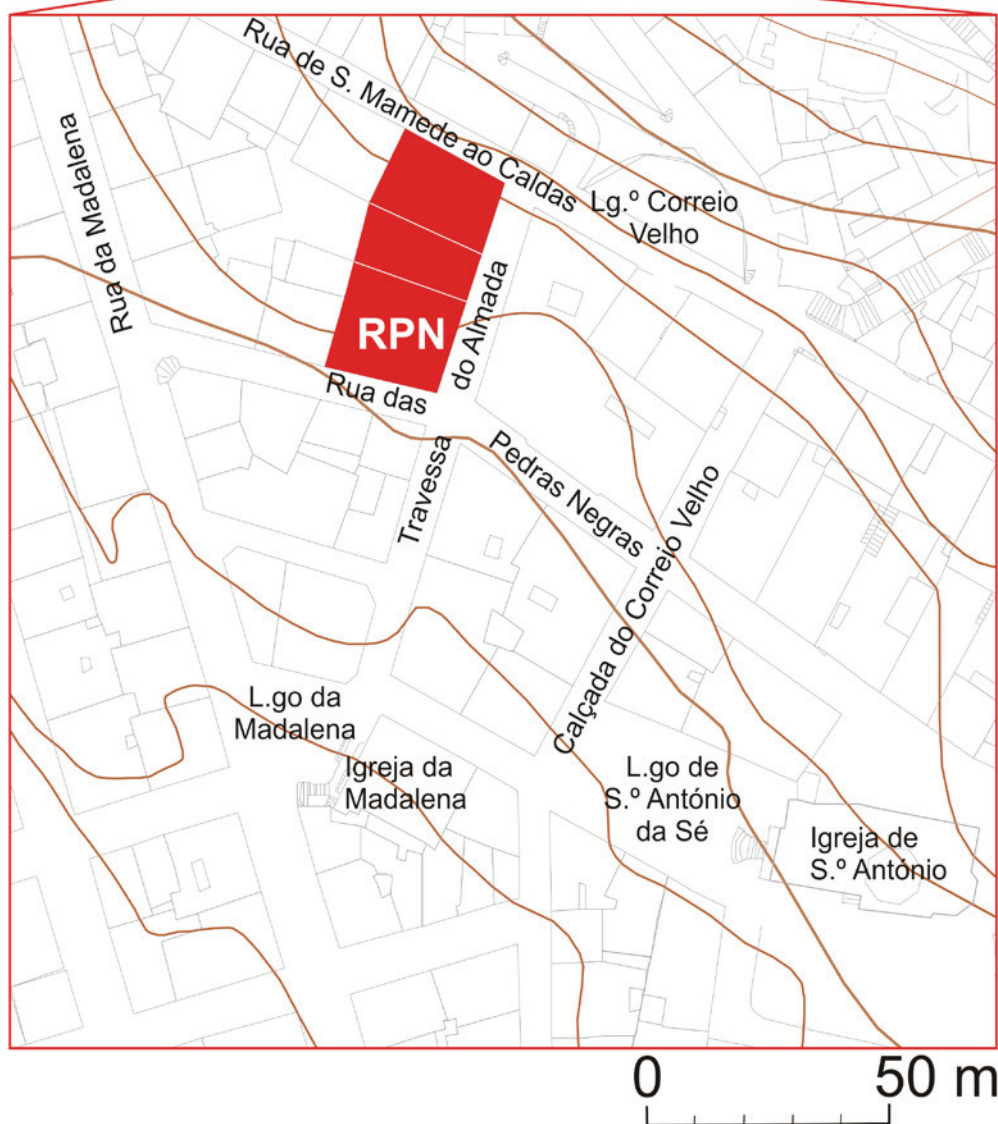
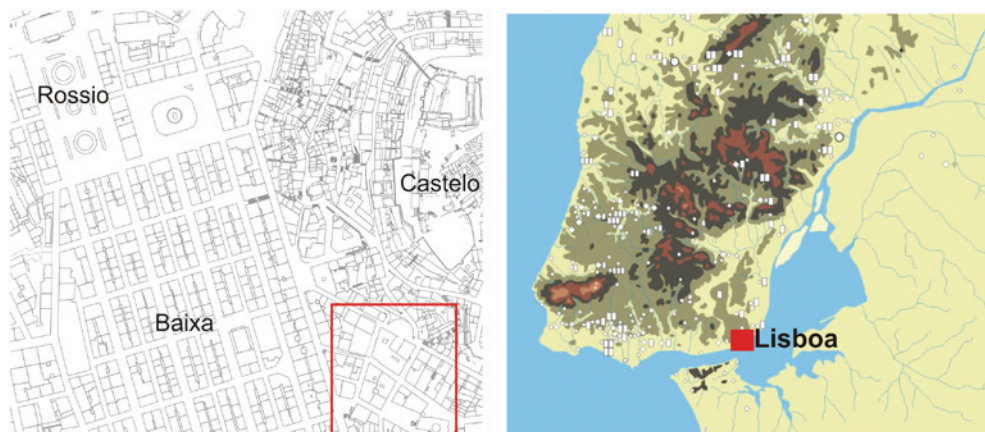


Figura 1 – Localização da escavação de 1991-1998 no edifícios da Rua das Pedras Negras n.ºs 22-28 / Tv. do Almada / R. S. Mamede ao Caldas (Santa Maria Maior, Lisboa).

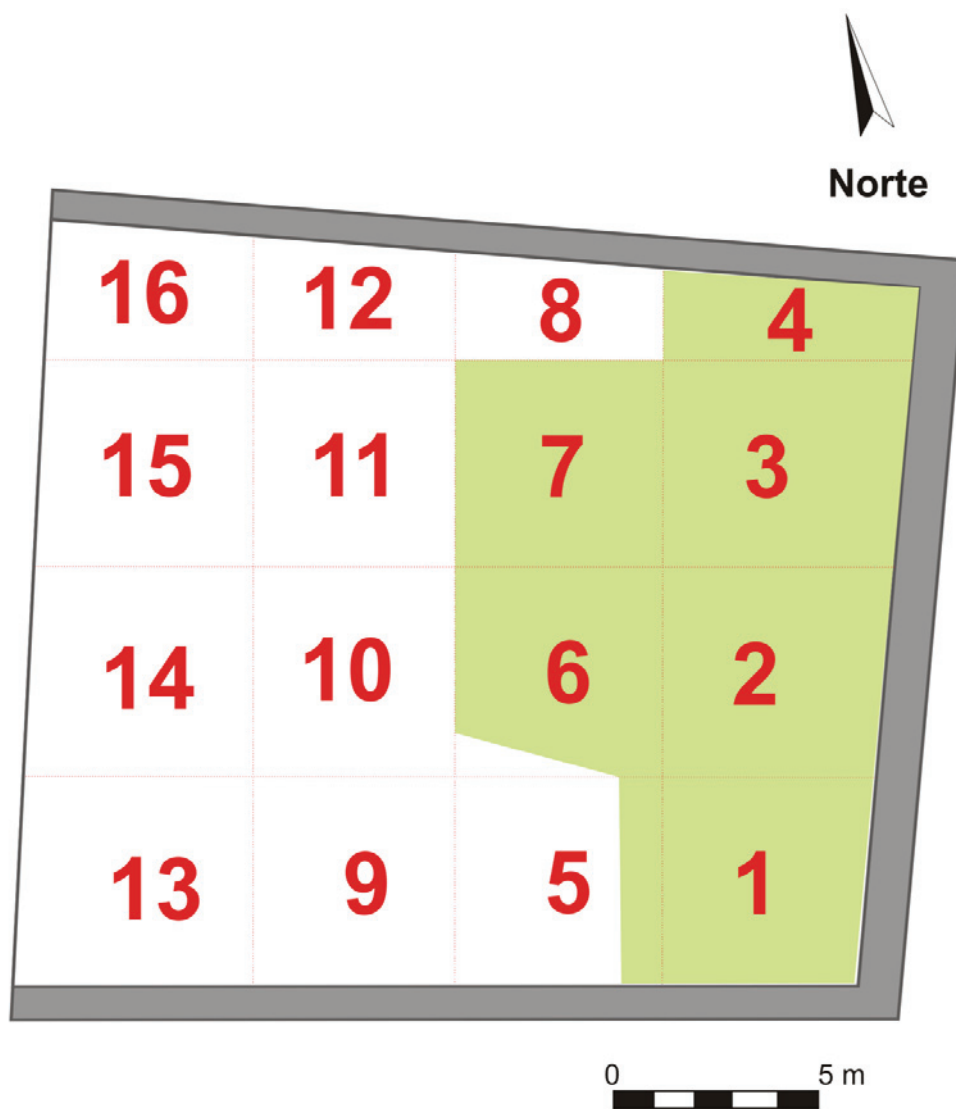
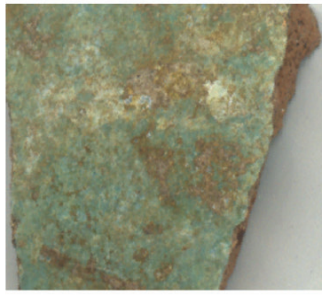
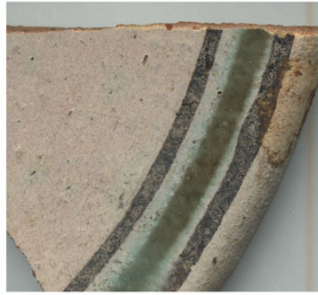


Figura 2 – Quadriculagem da escavação do edifício da Rua das Pedras Negras n.ºs 22-28, com indicação (a verde claro) das unidades onde se verificou a ocorrência de cerâmicas medievais importadas dos finais do século XIII ao séc. XIV.



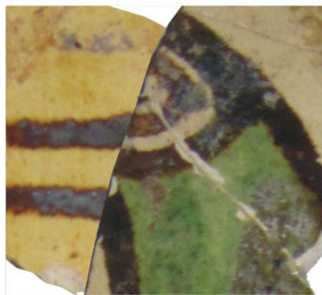
Grupo 1



Grupo 2



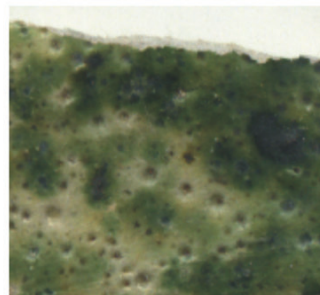
Grupo 3



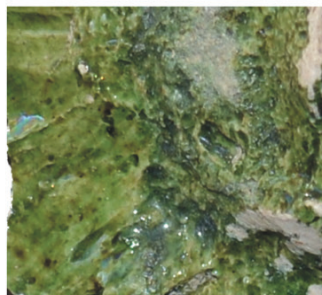
Grupo 4A



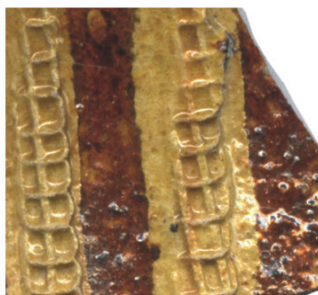
Grupo 4B



Grupo 4C



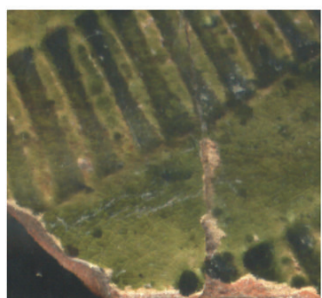
Grupo 4D



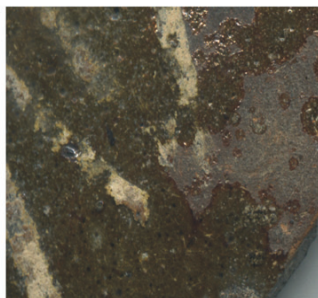
Grupo 5



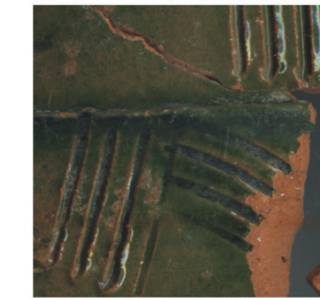
Grupo 6



Grupo 7

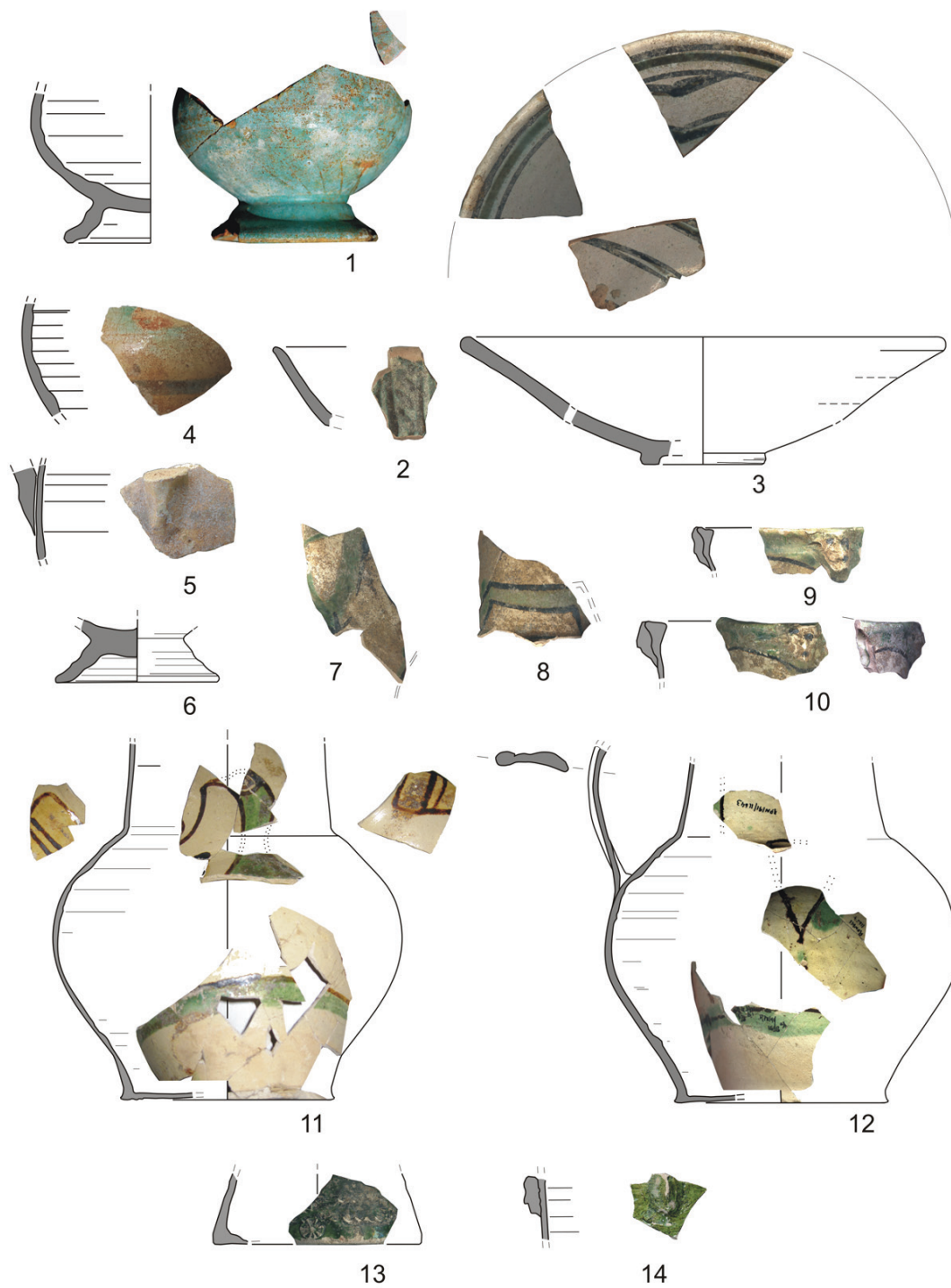


Grupo 8



Grupo 9

Figura 3 – Tabela dos grupos de fabrico nas cerâmicas medievais importadas dos finais do século XIII ao séc. XIV da Rua das Pedras Negras n.ºs 22-28.



Esc.: 1/3

0 5 cm

Figura 4 – Cerâmicas medievais europeias dos finais do século XIII e do século XIV da I.A.U. da Rua das Pedras Negras n.ºs 22-28 (Lisboa): Granada (1), Paterna-Valência (2-3), Sevilha (4-6) e Saintonge (7-14).



Figura 5 – Cerâmicas medievais europeias dos finais do século XIII e do século XIV da I.A.U. da Rua das Pedras Negras n.ºs 22-28 (Lisboa): Saintonge (cont.) (15-17), Rouen (18), “Norte da França” (19-23), Brugges (24), Londres (25) e de origem desconhecida norte europeia (26).



Figura 6 – Mapa dos centros oleiros europeus activos que forneceram ou poderão ter fornecido elaborações oleiras a Lisboa entre os finais do séc. XIII e o séc. XIV.

	Prato	Jarro	Pichel alto	Pichel pequeno	Copa	Caçarola	Totais
Grupo 1		1					1
Grupo 2	2						2
Grupo 3		2					2
Grupo 4A		4					4
Grupo 4B		3					3
Grupo 4C		5					5
Grupo 4D		1	2	1	1		5
Grupo 5		1					1
Grupo 6	1	4				1	6
Grupo 7			2				2
Grupo 8		1					1
Grupo 9		1					1
Totais	3	23	4	1	1	1	33

Tabela 1 – Quantificação das cerâmicas europeias dos sécs.XIII-XIV de RPN (em NMI).

